

## **O jornalismo como produtor de imaginários no contexto global: o caso de Timor-Leste<sup>1</sup>**

Verônica LIMA<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

### **Resumo**

Tendo em perspectiva as dinâmicas globais das relações sociais, especialmente o papel central da comunicação em tais dinâmicas, este artigo discute o papel do jornalismo e as relações estabelecidas em torno de sua prática na constituição e difusão de imaginários sobre Timor-Leste, pequeno país lusófono do sudeste asiático. Para isso, utiliza-se como exemplo as notícias divulgadas em portais na internet de jornais impressos brasileiros de grande circulação.

### **Palavras-chave**

Globalização, Narrativas do jornalismo, Territórios, Timor-Leste

### **Introdução**

A fluidez que caracteriza os processos comunicativos na contemporaneidade faz com que seja necessário ressignificar o conceito de ‘espaço’ enquanto locais de constituição dos sujeitos sociais. Isso se verifica de maneira expressiva no âmbito local, mas também assume interessantes configurações no que diz respeito ao contexto global: as fronteiras e barreiras entre países e regiões se tornam cada vez mais porosas e instáveis, e incidem diretamente na visão que se constrói sobre o mundo – e sobre os pequenos mundos que os constituem.

A comunicação, portanto, assume um protagonismo que vai além da influência sobre as relações entre pessoas e meios de comunicação, passando a ser constitutivo das subjetividades sociais<sup>3</sup>. Indivíduos e instituições estão imersos nesse cenário social do imperativo comunicacional. Partindo desse entendimento, o presente artigo pretende discutir o comportamento do jornalismo na construção do imaginário sobre Timor-Leste, país do sudeste asiático.

Considera-se relevante a discussão do caso de Timor-Leste por se tratar de uma das nações mais jovens do mundo, cuja recente independência obtida em 2002 se configurou num contexto em que a comunicação já estava sendo compreendida numa posição central

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Foi professora convidada da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) e bolsista do Programa de Qualificação Docente em Língua Portuguesa (PQLP), em Timor-Leste.

<sup>3</sup> O “*bios* midiático” de que fala Sodré (2010).

nas relações socioculturais, inclusive em âmbito global. Essa segunda independência timorense<sup>4</sup> se deu em um processo muito peculiar de intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU), depois de anos de ocupação violenta<sup>5</sup> da Indonésia, sob o regime do ditador Suharto. A interferência da ONU em Timor foi considerada exemplar pela própria organização (SILVA; SIMIÃO, 2007), apesar da ocorrência de problemas políticos subsequentemente, bem como dos notáveis problemas sociais que até hoje ainda constituem o cotidiano da população timorense.

Por envolver diversos atores sociais, de diversas nacionalidades, a recente história de Timor-Leste foi, e continua sendo, significativamente mediada por veículos jornalísticos, especialmente agências de notícias, e também pelos processos comunicativos – entendidos como aqueles promovidos por jornalistas ou profissionais da comunicação com cargos equivalentes – de instituições que atuam ativamente no contexto das relações internacionais, especialmente a ONU. São essas mediações que pautam a discussão sobre o jornalismo na construção da imagem de Timor.

### **Perspectivas globais: território timorense e narrativas jornalísticas**

Timor-Leste é um país que traz em sua bagagem histórico-geográfica muitas peculiaridades. Desde expressiva diversidade cultural e linguística em sua extensão geográfica reduzida, até as especificidades de suas dinâmicas sociais a partir da intervenção da ONU de 1999 em diante, configuram um tempo/espço complexo de coexistências não apenas de pessoas, mas de projetos, ideias, conceitos e interesses.

A própria geografia de Timor-Leste se mostra também peculiar: com uma população de aproximadamente 1,1 milhão de habitantes<sup>6</sup> e um território composto por metade da ilha de Timor e um enclave (a outra metade da ilha, Timor Ocidental, pertence à Indonésia), o país se situa exatamente na fronteira entre Ásia e o oceano Pacífico, nos limites da região conhecida como sudeste asiático. A localização fronteiriça também se relaciona diretamente com a diversidade cultural e linguística de Timor-Leste, levando-se em conta as influências

---

<sup>4</sup> A primeira independência da então colônia portuguesa Timor-Leste data de 28 de novembro de 1975, e foi consequência da queda do regime ditatorial em Portugal em 1974 (Revolução dos Cravos). No entanto, apenas 9 dias depois, em 7 de dezembro do mesmo ano, houve a invasão da Indonésia, sob justificativa da luta contra o comunismo.

<sup>5</sup> Estima-se que a ditadura indonésia matou um terço da população leste-timorense entre 1975, ano da invasão do território de Timor-Leste, e 1999, quando as tropas indonésias fizeram uma violenta retirada, na qual foram queimadas e destruídas cerca de 90% de todas as estruturas do país.

<sup>6</sup> Segundo último censo realizado (NATIONAL Statistics Directorate [NSD], UNITED Nations Population Fund [UNFPA], 2010)

de “dois mundos” em sua constituição<sup>7</sup> e, na história mais recente, de diversos outros mundos. Um exemplo disso é a diversidade de línguas que convivem no território timorense: são cerca de 20 línguas diferentes, sendo seis de origem papua, e o restante de origem austronésia (ver: DURAND, 2010, p.46-48).

Anderson (1993), ao refletir sobre a constituição de Timor-Leste como um território específico, antes mesmo de haver a constituição política do país, destaca que o silenciamento dos veículos de comunicação sobre o território leste-timorense foi um dos fatores que, dentre outros, fizeram com que Timor-Leste se tornasse um espaço distinto da Indonésia e até mesmo não imaginado.

A cobertura jornalística de Timor Leste era [*durante a ocupação indonésia*] excepcionalmente débil, e ainda mais falseada do que a cobertura mediática das outras partes da Indonésia. Foi assim possível a muitos indonésios não pensar muito em Timor Leste, e nem sequer saber dele. Em consequência, Timor Leste nunca conseguiu fazer parte do sentimento nacional popular. (ANDERSON, 1993, p.03)

A reflexão do autor já oferece pistas de como a questão do imaginário sobre Timor, especialmente quando mediada por processos comunicacionais, é importante para a reflexão sobre a constituição das identidades no território timorense. Tais identidades são resultado, portanto, por diversos interesses, mediações, e interlocuções, cenário complexo que parece ser o reflexo do próprio território timorense, que pode ser definido também como uma profusão de línguas, etnias e nacionalidades<sup>8</sup> convivendo entre si.

Ao estudar a estruturação do Estado e das instituições públicas em Timor-Leste, Kelly Silva (2012) identifica o conceito de disputa como *modus operandi* de interações sociais entre os diversos agentes em relação na sociedade leste-timorense, especialmente no âmbito da operação da ONU. É importante ressaltar essa observação, porque ela é determinante para situar outras possíveis narrativas naquele e daquele contexto – e a narrativa que o jornalismo constrói é uma dessas possibilidades.

Um momento em que se evidenciou a questão da disputa na sociabilidade em Timor-Leste foi a crise pela qual passou o país em 2006. Apesar de a intervenção da ONU ter sido considerada um sucesso, problemas internos nas forças armadas timorenses culminaram em uma forte crise política, que incluiu a renúncia do então primeiro-ministro.

---

<sup>7</sup> Para tal discussão, ver DURAND, 2010. O autor explica as influências e relações do mundo asiático e melanésio para a constituição geográfica e etnolinguística da região.

<sup>8</sup> Por conta da missão da ONU, diversos agentes de diferentes nacionalidades se instalaram em Timor-Leste. Vale destacar também a presença de missionários, ONGs, etc.

Essa instabilidade social foi significativa e teve como consequência sérios problemas com violência urbana – incluindo mortes, além do deslocamento de milhares de pessoas das áreas urbanas para áreas rurais. O episódio trouxe à tona toda complexidade em torno das disputas de grupos étnicos locais, inclusive com expressões nas relações internacionais de Timor-Leste.

Para Kelly Silva (2010), tal crise mostrou muito mais que disputas regionais oriundas de questões étnicas, explicitando aspectos centrais da sociabilidade leste-timorense, seu jogo de forças, suas especificidades. A autora ressalta que “o fato é que a oposição regional tocou em um aspecto fundamental da sociabilidade timorense, isto é, a observância das regras de reciprocidade e de compensação expressa, entre outras coisas, em termos de manifestações rituais de reconhecimento e respeito” (p.111)<sup>9</sup>. Segundo a autora, essa questão da reciprocidade e compensação se caracteriza como um código cultural que se faz presente em outros momentos de disputas sociopolíticas, conferindo significados e interpretações aos diferentes atores que protagonizam as relações sociais em Timor-Leste.

Seixas (2007) identifica essa crise de 2006 como sendo “a primeira guerra ritual pós-colonial” de Timor-Leste. Ele reforça a relação de tal crise com os desdobramentos da globalização, e conseqüentemente os debates sobre soberania cultural e sobre as geoestratégias econômicas globais.

A primeira guerra pós-colonial em Timor-Leste é um caso de encruzilhada das globalizações em que fragmentos culturais se outorgam como autodeterminantes e em que potências externas intervêm de várias formas segundo geo-estratégias regionais compatíveis com uma geo-estratégia unipolar global. (...) o Estado é, exatamente, a estrutura fragilizada por via dos mecanismos inerentes àqueles dois mecanismos [*soberania cultural e geoestratégias econômicas globais*] e às suas lógicas internas. (SEIXAS, 2007, p. 67)

Neste trecho, o autor localiza o fenômeno estudado nos jogos de poder global, e ao mesmo tempo explicita a fragilidade do Estado timorense naquele momento, que significava também a fragilidade do projeto da ONU para Timor-Leste.

Este cenário nos remete ao que Castro-Gómez (2000) identifica como uma superação do que se convencionou chamar de “projeto de modernidade” (quando o Estado

---

<sup>9</sup> Tradução livre de: “(...) *the fact is that the regional opposition touched on a fundamental aspect of East Timorese sociability, that is, the observance of reciprocity and compensation rules as expressed, among other things, in terms of ritual manifestations of recognition and respect*” (SILVA, 2010, p.111).

não é mais capaz de organizar a vida social). Para o autor, tal projeto é substituído pelo modelo contemporâneo de globalização que assume um caráter *sui generis*,

(...) porque implica em uma mudança qualitativa dos dispositivos mundiais de poder (...), desancora as relações sociais de seus contextos tradicionais e os ancora novamente em âmbitos pós-modernos de ação *que já não são coordenados por nenhuma instância em particular* (p. 155, grifos do autor)<sup>10</sup>

Castro-Gómez denomina de “poder libidinal” essa lógica que emerge na globalização contemporânea, sustentada por diferentes roupagens e clivagens que o poder assume. Nesse contexto, o que antes era entendido como “instituições” em disputa pelo poder se tornam mais complexos, com fluxos informacionais cada vez mais velozes determinando trocas sociais, e com outros significados para a questão da territorialização das disputas. A chamada “crise de 2006” de Timor-Leste também pode ser localizada na esfera do poder libidinal, tendo em vista os diversos aspectos da cultura e da sociabilidade que contribuem para o fenômeno ocorrido, conforme mostram Silva (2010) e Seixas (2007).

É possível localizar também nessa esfera do poder libidinal a construção das narrativas jornalísticas sobre esses fenômenos ocorridos em territórios tão complexos como o timorense. Aliás, vale ressaltar que essa perspectiva libidinal nos leva a pensar nesses territórios não apenas como locais estanques, como se considerava nas abordagens mais tradicionais do tema da globalização. De outra forma, os territórios devem ser pensados na contemporaneidade como sendo locais constituídos por essa complexidade, ou seja, pelas narrativas, pelas disputas, pelos poderes libidinais que os atravessam.

Nesse contexto, é interessante pensar no papel das agências internacionais de notícias na construção de narrativas e imaginários sobre diferentes territórios. Isso porque tais notícias, que circulam com velocidade cada vez maior, passam a constituir – elas próprias – os territórios sobre os quais se fala. Rui Marques (2005) mostra o papel da Agência Lusa no agendamento midiático sobre Timor-Leste. No decorrer da década de 1990 os problemas ocorridos em Timor passam a ser cada vez mais noticiados e esse foi um movimento importante que, associado a outros fatores, contribuiu para uma mobilização em torno de tais problemas, o que culminou na intervenção da ONU e independência de Timor-Leste.

---

<sup>10</sup> Tradução livre do trecho: “*pues conlleva un cambio cualitativo de los dispositivos mundiales de poder (...) desancla las relaciones sociales de sus contextos tradicionales y los reancla en ámbitos pós-modernos de acción que ya no son coordinados por ninguna instancia en particular*” (CASTRO-GÓMEZ, 2000, p.155).

As narrativas jornalísticas realizadas sob responsabilidade das agências se comportam, nesse sentido, como mais uma força no jogo de poder global. E essas forças são complexas não apenas por serem expressão institucional da agência que as promovem, mas também porque têm ligação estreita com os próprios fenômenos que noticiam. Conforme ressalta Sodré (2009):

É a direta vinculação com o real-histórico que dá margem para que o discurso possa ser pensado, não apenas como conceito sociolinguístico ou semiológico, mas também como uma prática social de produção de textos, logo como prática institucional, assumida por um sujeito e regida por convenções originadas de estruturas sociais. (SODRÉ, 2009, p. 142).

Tais convenções são fluidas, assim como o são as estruturas sociais contemporâneas. Ou seja, a subjetividade complexa de quem produz as narrativas jornalísticas faz com que os interesses em disputa num fenômeno noticiado (ou silenciado) extrapolem o que se conhece como instituições tradicionais. A narrativa em si – e não apenas o veículo ou agência que os produz – representa uma força na disputa global a partir do qual se constroem os imaginários do mundo.

Resende (2011) aglutina tais ideias sob o viés da narrativa e do papel do jornalismo, oferecendo uma reflexão muito significativa para a reflexão sobre a construção dos imaginários a partir da prática jornalística.

É sob esta perspectiva, o da narrativa como um lugar que, a despeito de almejar a ordem é, ao mesmo tempo, desestabilizador, que se sugere compreender a importância de tomá-la como lugar de produção de sentidos e conhecimento no jornalismo. É à luz dessas desordens, entretidas nas ordens do discurso jornalístico, que também se faz possível, nas pesquisas, discutir o jornalismo, colocando em suspeição aspectos que por vezes se apresentam fechados ou exclusivos deste lugar de enunciação e aventando hipóteses que nos levem a certos arejamentos em torno dos seus modos de enunciar. (RESENDE, 2011, p.134)

Esses modos de enunciar interessam de forma significativa para a compreensão do papel do jornalismo na constituição da imagem que se constrói sobre Timor-Leste no contexto global.

## Análise

Toma-se como exemplo a mediação realizada por agências internacionais de notícias sobre a renúncia do primeiro-ministro Xanana Gusmão, ocorrida em fevereiro de 2015. Foram analisadas as narrativas jornalísticas sobre esse fato que foram reproduzidas no Brasil por portais na internet de jornais impressos de grande circulação, especificamente os jornais O Globo, O Estado de São Paulo (Estadão) e Folha de São Paulo. Foram identificadas as seguintes notícias:

Jornal	Data	Título da notícia	Agência
O Globo	06/02/2015	Primeiro-ministro de Timor Leste, Xanana Gusmão renuncia ao cargo	Reuters
O Globo	06/02/2015	Primeiro-ministro do Timor-Leste apresenta renúncia ao cargo	Reuters
Folha	06/02/2015	Xanana Gusmão renuncia como primeiro-ministro do Timor-Leste	EFE
Estadão	06/02/2015	Herói da independência, premiê do Timor Leste deixa cargo	Associated Press
Estadão	09/02/2015	Presidente do Timor Leste aceita renúncia de primeiro-ministro <sup>11</sup>	-
Estadão	06/02/2015	Primeiro-ministro de Timor Leste, Xanana Gusmão renuncia ao cargo	Reuters

Ao analisar as notícias, é possível identificar a representação comum de Xanana Gusmão como um “herói”, “líder” ou como “lenda” na história da independência de Timor Leste. Essas primeiras categorias em comum remetem a uma imagem de Xanana Gusmão como uma liderança importante e consagrada no contexto timorense. Essa visão, comum a todas as notícias identificadas, constituem a espinha dorsal da imagem que se apreende das leituras de tais notícias, numa impressão de que a figura de Gusmão estaria em maior destaque que a própria renúncia ao cargo.

Um fato que comprova essa afirmação é que nenhuma das notícias desenvolve a questão dos possíveis substitutos, e nem se atém às consequências políticas da substituição

<sup>11</sup> É possível caracterizar essa notícia apenas como “nota”, por ser constituída de apenas dois parágrafos meramente descritivos.

de Xanana Gusmão. Uma ressalva pode ser feita apenas na notícia publicada pela Folha, que citou um “mal estar” nos partidos aliados ao governo com a divulgação do possível substituto do premiê. Fica, portanto, evidente, que as notícias ainda priorizam a história recente de Timor – independência tardia, luta armada (guerrilha), regime indonésio, etc.

Um aspecto que poderia ser explorado pelas agências seria, por exemplo, o fato de Gusmão estar no poder desde a independência, em 2002, alternando os cargos de presidente e primeiro-ministro. Também não se coloca em perspectiva a própria relevância do cargo para o contexto global/regional: por exemplo, Timor-Leste é protagonista de um impasse na exploração de petróleo em sua costa sul, devido à coincidência das faixas de exploração com a Austrália, país localizado muito próximo. No entanto, as agências apenas reforçaram os estereótipos de um país ainda muito frágil, com um líder heroico de sua independência obtida com a luta armada.

O esforço parece ser feito no sentido de diferenciar Timor-Leste num contexto global ocidental, onde a “normalidade” é identificada como democracias consolidadas, e independências obtidas num passado já relativamente distantes, quase numa indicação de certo “exotismo” do país do sudeste asiático. Essa construção narrativa pouco contribui para que se conheça algo sobre Timor-Leste, seja a renúncia de seu primeiro-ministro, ou qualquer aspecto de seu território – identidades, forma de governo, papel político, etc.

Ao se reforçar estereótipos em determinado discurso jornalístico, esvazia-se também a imagem já construída sobre o assunto de que se fala. Resende (2007) explica:

a produção das diferenças não se distingue, em seu propósito, do processo de velamento das diferenças. Produz-se também para um vazio, já que aquele que pensa ocupar lugar no espaço polarizado e pulverizado da mídia – o que de fato acontece – é sempre sujeito de uma fala que se dá na perspectiva da sua própria vontade de verdade. Assim, entendemos, a diferença que se produz nesse discurso é puro efeito, tal qual o é a verdade de que ele se vale. Nesse contexto, parece importante notar que o processo de produção das diferenças, que não resulta em relação de alteridade, é simplesmente parte de uma lógica do capitalismo tardio – quando as máquinas de produção de informação e conhecimento ganham primazia. (2007, p.88)

Ou seja, prevalece apenas o processo produtivo, em detrimento dos possíveis conteúdos que se difunde, como mais uma das forças em disputa nas relações sociais baseadas na lógica ocidental-capitalista.

Nessa linha de raciocínio, quem parte das notícias analisadas para “imaginar” o Timor-Leste, sua constituição territorial, sua sociedade, sua história, construirá uma



imagem reduzida daquele país. E, partindo do raciocínio de que as dinâmicas comunicativas constituem as subjetividades dos diversos atores em relação na sociedade global, a imagem constituída de Timor-Leste se reduz efetivamente em suas potencialidades.

### **Considerações finais**

Tendo em perspectiva a centralidade da comunicação na constituição das relações socioculturais na contemporaneidade, ressalta-se que a análise das configurações dos fluxos informacionais se revela essencial para a compreensão não apenas das imagens que se criam dos diferentes territórios de sociabilidade, mas também da própria globalização enquanto fenômeno imperativo das relações sociais no mundo. Nesse sentido, conclui-se que as agências de notícias que mediarão o caso estudado de Timor-Leste têm um comportamento reducionista da complexidade local e centrado em paradigmas ocidentais que são insuficientes para uma compreensão das relações globais que constituem o país estudado.

Espera-se que discussões como a aqui apresentadas contribuam para que sejam cada vez mais analisadas as consequências de estereótipos e reducionismos na constituição de imaginários sobre os territórios, especialmente aqueles que não se enquadram em padrões considerados “normais” ou “não-exóticos” no contexto global. Isso porque, ao constituir efetivamente as subjetividades, os imaginários são muito mais concretos do que comumente se acredita. Em última instância, os imaginários constituem relações, as quais possuem protagonistas reais que lidam concretamente com as consequências das narrativas constituídas pelos e nos processos de comunicação.

### **Referências**

ANDERSON, Benedict. Imaginando Timor-Leste. **Arena Magazine**, v. 4, abril-maio, 1993.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la “invención del otro”. In: LANDER, Edgardo (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), p. 145-161, Julio, 2000. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/castro.rtf>

CHANG, Tsan-Kuo [*et al.*] A changing world, unchanging perspectives: American newspaper editors and enduring values in foreign news reporting. **International Communication Gazette**. vol. 74, n. 4, p. 367-384, June, 2012.

DURAND, Frédéric. **Timor-Leste: um atlas histórico-geográfico**. Trad. Pedro Rosa Mendes. Lisboa: Lidel, 2010.

MARQUES, Rui. **Timor-Leste: o agendamento midiático**. Porto: Porto Editora, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. 4.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006

\_\_\_\_\_. As formas mestiças da mídia. [entrevistado por Mariluce Moura]. **Pesquisa Fapesp**. n.163, setembro, 2009.

RESENDE, Fernando. “Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa”. In: SILVA, G., KÜNSCH, D., BERGER, C. e ALBUQUERQUE, A. (orgs.). **Jornalismo contemporâneo – figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: Edufba, p. 119-138, 2011.

\_\_\_\_\_. O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 14, p. 81-93, dez. 2007.

SILVA, Kelly C.; SIMIÃO, Daniel S. (orgs.) **Timor-Leste por trás do palco – cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, Kelly C. **As nações desunidas – práticas da ONU e a estruturação do Estado em Timor-Leste**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. “Processes of regionalisation in East Timor social conflicts”. In: SEIXAS, Paulo Castro (org.). **Translation, society and politics in Timor-Leste**. Porto: University Fernando Pessoa Editions, p. 97-112, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.